

Coleção Símbolos
do Rio Grande
do Sul Vol. 5

Cavalo crioulo



Giovani Cherini & Roberto Rech

4ª Edição



A Estância do Sol estava pronta para receber uma turma de alunos de uma escola muito conhecida, localizada nos arredores de uma cidade grande. Seu Juvêncio, peão de estância, estava de prontidão na porteira principal para recepcionar os visitantes e levá-los até a presença do seu Amaranto. Eram 7 horas da manhã quando uma nuvem de poeira se formou ao longe. – Pronto, – disse seu Juvêncio – lá vem a gurizada medonha. Passaram-se alguns minutos e o ônibus estacionou na frente da porteira. Eram doze crianças: sete meninas e cinco meninos. O coordenador do grupo era o professor André, que foi logo cumprimentando o peão com um bom-dia esticado.

E ele, meio desajeitado, tratou logo de conduzir a turma sede da estância. Minutos depois e eles estavam na presença do Amaranto, que recepcionou a todos com uma foto gigante onde ele aparece montado em um belo cavalo de olhar dócil. André tratou de explicar aos alunos que se tratava de um cavalo crioulo e que logo todos teriam a oportunidade de conhecer o animal e a sua história. Amaranto olhou para as crianças com um sorriso sorrateiro e, antes que elas dissessem uma só palavra, anunciou:

– Olhem na direção daquela figueira que está a nossa frente. Lá está o meu amigo Zaino pastando.

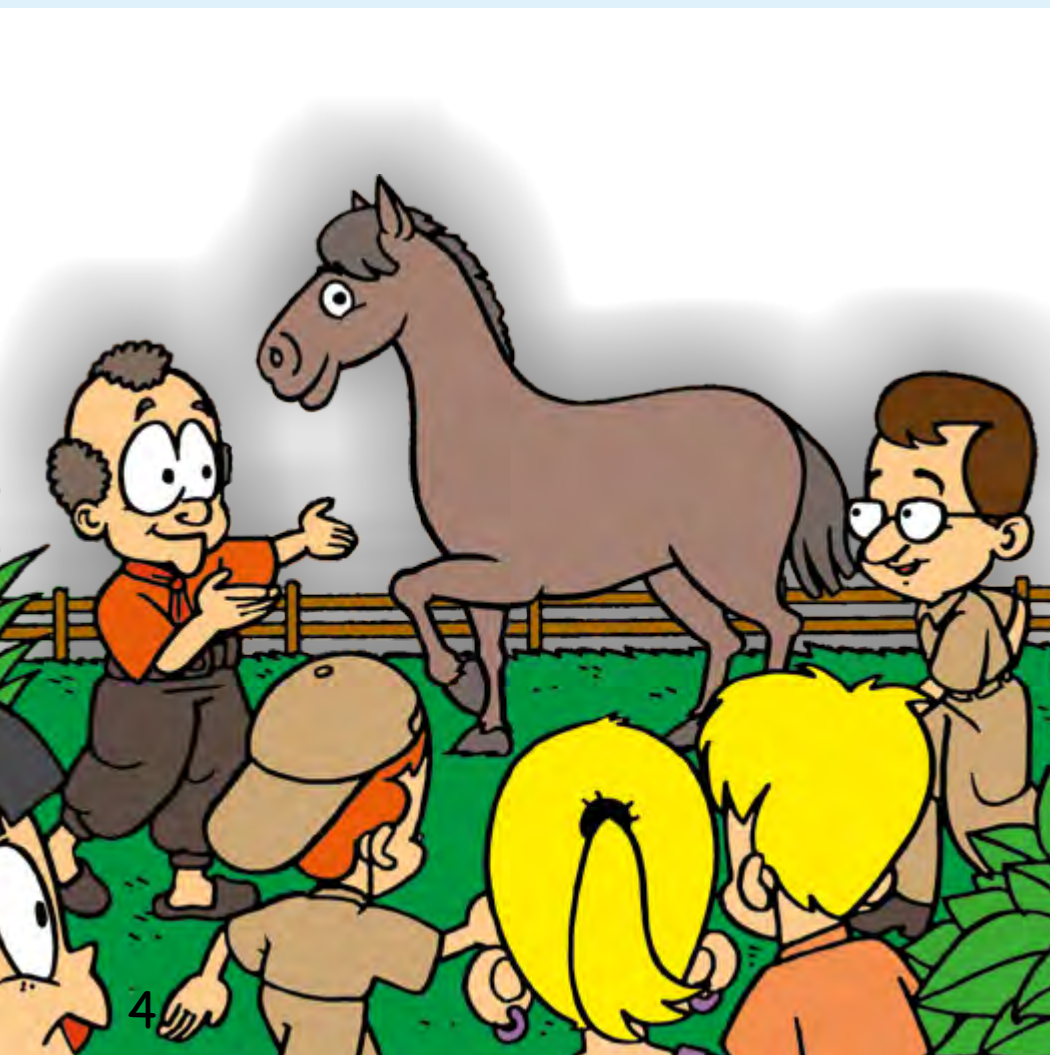
Foi saindo porta afora, caminhando a passos largos, acompanhado de perto pelo Juvêncio. As crianças e o professor mal podiam acompanhar as passadas dos dois homens rudes.

Ao chegarem na figueira, seu Amaranto foi logo acariciando o pescoço do animal, demonstrando que tinha afetividade pelo amigo Zaino.

André, por sua vez, tratou de informar às crianças que aquele cavalo era o mesmo da foto vista na sede da estância.

– Estamos diante de um cavalo crioulo – disse sem meias palavras.

– Então este é o cavalo símbolo do Rio Grande? – quis logo confirmar o aluno Benhur.



– Isso mesmo, estamos aqui para conhecer de perto este símbolo que muito nos orgulha – acentuou o mestre.

Amaranto, que sabia da intenção dos alunos, foi logo se preparando para falar sobre o seu amigo chamado Zaino. Antes, ordenou ao peão Juvêncio que recolhesse os outros cavalos e os conduzisse até ali. O homem saiu em disparada campo afora, acompanhado pelos olhares curiosos das crianças. Logo estava de volta trazendo vários cavalos crioulos. Ao todo, eram treze. Mais uma surpresa preparada por Amaranto. Ele arranjou um cavalo para cada criança e um outro para o professor André.

– Como posso falar sobre o cavalo crioulo e a sua docilidade se vocês não tiverem a oportunidade de tocar no animal? – disse, correndo compassadamente as mãos sobre a cabeça do Zaino.

As crianças aos poucos começaram a repetir o gesto do estancieiro.

Ele percebeu que cada um estava construindo um laço emocional de amor, carinho e admiração pelo animal, condição indispensável para uma boa amizade. Chamou Juvêncio para o seu lado e destacou as suas habilidades como peão que, um tanto acanhado, devolveu o elogio:

– Quem entende de cavalo é o meu patrão. Ele cria os cavalos crioulos como se fossem seus filhos. Podem apostar, e até fala com o seu cavalo Zaino!

O dono acenou positivamente com a cabeça, dando a entender que concordava com o que o empregado dizia.

– O que Juvêncio quer dizer é que precisamos gostar do cavalo, ser amigos dele, assim a gente se entende. Eu me entendo com meu Zaino. Andando nele, sinto

liberdade e prazer.

Enquanto falava, Benhur mostrava-se ansioso para montar no animal. Percebendo o gesto da criança, se apressou em anunciar que todos teriam oportunidade de andar a cavalo. Isso acalmou um pouco a todos, o que fez com que o professor fizesse uma pergunta a ele.

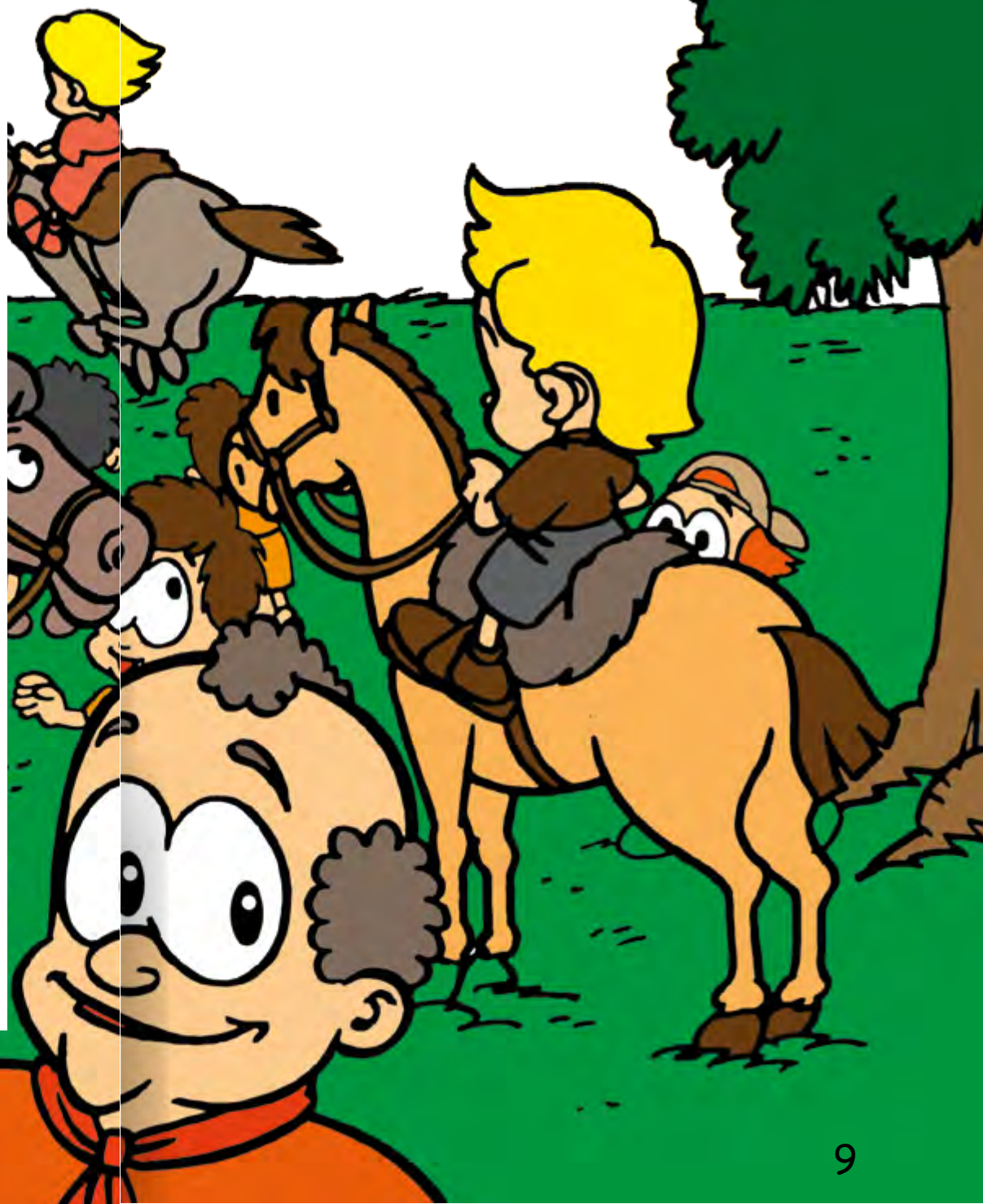


– O senhor, que é especialista na criação de cavalos crioulos, por favor, nos fale um pouco sobre a história dessa raça.

O estancieiro ficou entusiasmado com a ideia. Sentou-se na grama e, após uma pequena pausa, pediu que todos sentassem a sua volta, para a prosa.

Destacou que, desde o início da humanidade, o cavalo serve ao homem, primeiramente como meio de transporte, depois como animal propício para trabalho e lazer.

– Em relação ao cavalo crioulo, devo afirmar que a sua origem remonta as grandes planícies do pampa e as encostas dos Andes, onde existe muita neve. Originário dos antigos cavalos espanhóis trazidos pelos colonizadores. Ele foi treinado para trabalhar com o gado. Por séculos reinou absoluto nos campos do Brasil, Uruguai, Chile, Paraguai e Argentina. Hoje, sua criação se expande das coxilhas gaúchas para o restante do país. Como vocês podem ver, o meu Zaino é rude e mede 1,40cm, tendo uma consistente cobertura muscular e uma ossatura de dar inveja a outros cavalos. Solto aqui no campo, ele corre, olha longe, fareja, para de orelhas em pé e tem, sobretudo, muita disposição para se movimentar.



O acanhado Juvêncio levanta a mão como quem quer dizer alguma coisa.

– Pois fale, vivente – disse o patrão.

– Como ginete, posso dizer que tive muitas vitórias com o cavalo crioulo na prova de Freio de Ouro.

– Verdade – concordou o outro. – A prova Freio de Ouro é realizada na Exposição de Animais, em Esteio, e testa a habilidade do cavalo. Nessa prova, o cavalo contorna fardos, gira, esbarra, aparta boi em pequenos espaços e corre até atacá-lo em um espaço maior. Como se fosse uma olimpíada do cavalo crioulo.

– Por tudo isso é que o crioulo tem tantos criadores no Brasil – afirmou o professor André.

– Há milhares, mas ninguém melhor do que o criador Amaranto. Sabem por quê? – disse sorrindo.

– Por quê? – quiseram saber.

– Porque os cavalos criados por ele gostam muito de criancinhas.

– Oba – disse Benhur, saltando no lombo do Zaino e sendo levado a galope campo afora. Outras criancinhas, auxiliadas pelo mestre, o estancieiro e o peão, também fizeram o mesmo.

Os cavalos crioulos realmente se dão bem com as criancinhas.



Cavalo crioulo

Animal Símbolo

Lei nº 11.826, de 26 de agosto de 2002.

Fica incluído o Cavalo Crioulo como Animal
Símbolo do Estado do Rio Grande do Sul.

Chimarrão – Vol. 1

Erva-mate – Vol. 2

Quero-quero – Vol. 3

Marcela – Vol. 4

Cavalo crioulo – Vol. 5

Brinco-de-princesa – Vol. 6

Laçador – Vol. 7

Gaita – Vol. 8



Editora Imprensa Livre Editora: Karla Viviane
Rua Comandaj, 801 Ilustração: Juska
Porto Alegre/RS
CEP 90830-530
Fone: (51) 3249-7146



www.imprensalive.com.br
imprensalive@imprensalive.com.br